

ESPECIAL DE NATAL



da
Família Dias

Renato Crovella

LeivArte

Introdução

Caro leitor(a),

Chegamos à terceira edição dos conteúdos gratuitos especiais da LeivArte, com o objetivo de aprofundar as histórias que vemos nos produtos da linha principal da marca. Nesta edição, tenho o deleite de convidar você para passar um fim de ano com a família Dias, de Esquadrão Drag.

Tom, Mariana e Dafne têm uma missão especial: reunir a família para abandonarem as mágoas e reescreverem juntos um futuro com mais amor, compreensão e liberdade. Será que a “aura natalina” os ajudará a cumprir esse objetivo? Dafne será capaz de perdoar sua avó materna pelas opiniões fortes e arcaicas? Tom e Mariana novamente conseguirão criar pontes entre realidades tão conflitantes e distantes?

Vamos descobrir as respostas para essas e outras perguntas nas páginas a seguir. Espero que você tenha uma ótima leitura e ótimas festas neste final de ano, independente da sua religião. Eu, particularmente, sou ateu e mesmo assim aproveito essa época do ano para rever meus conceitos, agradecer pelas minhas conquistas, perdoar tudo aquilo que precisa ser perdoado, estar junto das pessoas que eu amo e renovar minhas esperanças para o ano seguinte.

Obrigado pelo interesse no e-book e não esqueça de seguir a @leivarte no Instagram (caso ainda não a siga) para não perder as próximas edições e livros. Se quiser, você pode enviar o seu feedback para:
leivarte@renatocrovella.com.br

Com amor,
Renato C. Leiva

Índice

Capítulo 1: Uma missão festiva.....	3
Capítulo 2: O embate	6
Capítulo 3: Uma pista inesperada.....	8
Capítulo 4: O plano secreto em ação.....	9
Capítulo 5: Um novo ano e um novo começo	13

Copyright © 2024 - Todos os direitos reservados - LeivArte

capítulo 1: *Uma missão festiva*

— Manhê, cheguei! – Dafne anunciou sua chegada enquanto ajeitava os sapatos no sapateiro próximo à entrada.

— Oi, querida! Chegou na hora certa! – Tom carregava uma caixa de plástico cheia escada abaixo.

— Pai? Achei que estivesse trabalhando... A mamãe está?

— Estou aqui, querida, como foi a aula hoje? – Mariana apareceu no topo da escada, descendo com mais uma caixa cheia.

— Foi normal. O que vocês estão fazendo? – Dafne identificou que as caixas estavam cheias de objetos antigos da família.

— Aproveitei que o movimento continua fraco no escritório para ajudar sua mãe a organizar uma limpeza de cacarecos aqui em casa. Não é, querida? – Tom piscou para Mariana, que riu e ergueu os olhos.

— O sonho de uma mãe superocupada: usar o dia de folga pra trabalhar em casa. Faz parte, né? – Os três riram.

— Já era hora mesmo de esvaziar o quartinho das bagunças. Posso ajudar?

— Por favor! Tem mais algumas caixas que precisamos descer. Você nos dá essa mãozinha? – Dafne assentiu e subiu as escadas correndo, enquanto Mariana e Tom acomodavam as duas caixas que carregavam junto às outras na sala.

Quando todas as caixas estavam posicionadas, a família reunida começou o árduo trabalho de decidir o que vai e o que fica. Caixa após caixa, eles foram descobrindo coisas antigas que não faziam mais o menor sentido manter em casa, como um telefone antigo ou umas fotos de parentes que eles nem reconhecem mais. O clima estava leve e colaborativo, com os pais e a filha relembrando alguns momentos importantes de forma nostálgica, até que Tom abriu uma caixa cheia de artigos de decoração de Natal. Pequenas guirlandas, estrelas de papel, um papai Noel de cerâmica... todas essas lembranças traziam a sensação de um tempo em que a família se reunia sem mágoas. Mariana teve uma ideia:

— E se tentássemos mais uma vez reunir toda a família? Já se passaram vários anos, acredito que todos nós mudamos ao longo desse tempo... E, não sei vocês, mas eu sinto falta de ter a família toda reunida para celebrar algo importante para todos nós.

— Amor, o Natal perdeu a sua magia assim que a Dafne soube que o papai Noel era uma farsa aos sete anos.

— E perdeu totalmente o sentido depois que a avó Ana se mostrou uma tremenda de uma escrota! – Mariana reprimiu Dafne com um olhar – Desculpa, mãe. Eu sei que ela é sua mãe, mas é difícil de acreditar que vocês tenham o mesmo sangue! Eu nunca vou considerar aquela mulher como minha avó!

— Olha a boca, Dafne! – Tom a repreendeu com voz firme.

— Você vai passar pano pra ela, pai? Logo você? O que ela fez com a vó Rosa foi desumano!

Mariana e Tom não sabiam ao certo como lidar com essa situação, já que Dafne não estava dizendo nenhuma besteira.

— Eu concordo com o seu pai. Ela pode ter mudado, vamos conversar com ela e...

— Não! Se ela pisar aqui em casa, eu saio no mesmo instante! Ela humilhou a mim, ao meu pai e os meus avós. Não quero mais olhar para a cara dessa mulher nojenta! — Tom tentou conter Dafne, mas sua raiva escalou ao ponto dela jogar o que estava segurando de volta na caixa e subir para o seu quarto reclamando da complacência de seus pais perante sua avó.

— Que belo jeito de estragar uma possibilidade de harmonia familiar nesse feriado. Ela vai me odiar pelos próximos muitos dias, né? — Tom forçou um sorriso em seu rosto, enquanto oferecia um olhar amável para Mariana.

— Eu vou falar com ela, afinal, ela tem razão. O que minha mãe fez foi extremamente errado, mas, ao mesmo tempo, é a minha mãe e eu sinto falta dela.

— Mariana ficou com os olhos cheios de lágrimas, Tom lhe ofereceu um abraço. — Se ao menos o meu pai estivesse aqui, ele saberia como resolver essa questão... — Mariana escondeu o rosto com as palmas das mãos, o que a fez dar vazão às lágrimas.

— Faz tempo, não é? — disse Tom, com um sorriso melancólico. — Acho que nos acostumamos a evitar esses momentos. Fingir que as festas não são tão importantes.

Tom segurou a mão dela e a apertou suavemente. Ele sabia que Mariana sentia falta daqueles momentos familiares. Era ela quem organizava tudo, decorava a casa e fazia os pratos preferidos de cada um. Mesmo agora, após anos de silêncio e mágoas acumuladas, ele percebia em seu olhar uma fagulha de esperança. Talvez ainda houvesse uma chance de reunir todos novamente.

— Vamos tentar. — ele afirmou, com um brilho renovado no olhar. — Talvez este ano seja o momento certo para trazer as festas de volta. Dafne já não é mais uma criança. Ela tem suas opiniões fortes, mas talvez esteja pronta para deixar algumas coisas para trás.

Mariana hesitou. Sabia que não seria tão simples. Dafne e Ana eram como o fogo e a água, opostos em cada detalhe, e o episódio que as afastou ainda era uma ferida aberta. Ana, apesar de tudo o que viveu, mantinha ideias rígidas que chocavam com as experiências de Dafne. Ela não aceitava facilmente o relacionamento de Tom e Mariana, e o modo como lidou com a família dele e com Dafne deixara marcas.

— E se não der certo? — perguntou Mariana, com um toque de preocupação. — A última coisa que eu quero é ver nossa filha se magoar mais uma vez.

Tom sorriu, tentando transmitir a calma que ele mesmo buscava naquele momento.

— Eu não sei se a gente pode mudar as pessoas, Mari. Mas talvez... a gente possa tentar mostrar um outro lado. Pode ser que uma festa, uma simples noite de Natal,

nos traga uma nova perspectiva. Um lado meu ainda quer acreditar que a sua mãe só agiu daquele jeito porque estava amarga com o luto. Talvez o tempo tenha sido um bom remédio para ela. Quem sabe?

Mariana soltou um suspiro, mais esperançosa desta vez. Ela observou o pequeno Papai Noel que segurava entre as mãos, com seu sorriso largo e expressão tranquila. Algo dentro dela lhe dizia que, mesmo diante da situação complicada, talvez fosse a hora de resgatar o que as festas de final de ano realmente significavam para eles.

— Vamos fazer isso, então. — Ela finalmente decidiu, com uma leveza inesperada na voz. — Vamos tentar mais uma vez.

Os próximos dias foram preenchidos com a escolha da árvore, das luzes, e de uma lista de pratos que agradassem a todos. Mariana e Tom faziam isso com o cuidado de ser algo muito especial, quase como se estivessem planejando uma missão. Era assim que se sentiam: um retorno às próprias raízes, uma nova chance de se reunirem em família, mesmo sabendo que um embate seria inevitável.

Enquanto penduravam as luzes e enfeitavam a árvore, Mariana percebeu algo sutil: a casa parecia estar ganhando uma nova vida. O espírito das antigas festas ainda estava lá, esperando para ser redescoberto, como um calor que nunca se apagou. Eles sabiam que o caminho não seria fácil, mas a esperança de um final de ano em paz renovava a cada detalhe que adicionavam à decoração.

E, mesmo sem saber o que aconteceria, tanto Mariana quanto Tom sentiam que, independentemente dos conflitos que ainda precisavam resolver, a escolha de tentar já era, por si só, um presente. Se a situação fosse insustentável, os planos para o Natal e o Ano Novo seriam esquecidos. Mas se o jantar preparatório fosse qualquer coisa que não um desastre, ainda haveria esperança para as datas que viriam a seguir.

capítulo 2: *embate*

A mesa estava posta com o capricho e o cuidado aos detalhes que Mariana sabia que sua mãe apreciava. Pratos antigos de porcelana, talheres que pareciam guardados apenas para ocasiões especiais e uma toalha branca e dourada impecável. O aroma de um assado com especiarias preenchia a sala de jantar, envolvido pelo suave toque das velas acesas. Era uma noite de reencontro, pelo menos para Mariana e Tom, que, com gestos cuidadosos e olhares esperançosos, tentavam criar um clima harmonioso.

Dafne chegou à sala com uma expressão de poucos amigos, segurando o celular enquanto o olhar desviava vez ou outra para a mesa. Ana já estava ali, sentada, com as mãos manchadas pelo tempo delicadamente cruzadas sobre a mesa e uma expressão que misturava incerteza e orgulho. A tensão entre avó e neta era notável, como duas forças opostas destinadas a se chocar.

— Boa noite, Dafne. — Ana disse, com um tom polido, mas distante.

— Boa noite, Ana. — respondeu Dafne, mantendo o olhar firme, mas com um leve tremor na voz, como se soubesse que precisava medir cada palavra.

O silêncio se estendeu por alguns segundos, longo o suficiente para que Mariana intervisse rapidamente, servindo as entradas e tentando distrair as duas com um sorriso leve.

— Espero que estejam com fome! Fiz aquele assado que a senhora sempre gostou, mãe. — Mariana comentou, colocando o prato principal no centro da mesa. — E também uma lasanha vegetariana bem saborosa para a minha filhota.

— Ah, o assado da minha Mari. — Rosa disse, com um sorriso de orgulho maternal.

— Sempre o meu favorito. E eu lembro que o Filipe adorava também.

Dafne reagiu com um suspiro quase inaudível. Ela mantinha o rosto neutro, mas seus olhos estavam fixos no prato, claramente desconectada da conversa.

— Então, Dafne... como está o colégio? — Tom arriscou, tentando puxar um assunto neutro.

— Está bom, pai. Estou animada com uma pesquisa nova para o meu trabalho de história, sobre representatividade social e políticas inclusivas para pessoas pretas. — Ela respondeu animada, mas com um ar de afrontosa, dando uma olhada para Ana, como que esperando uma reação.

Ana, ainda que com um sorriso contido, não conseguiu esconder sua expressão levemente tensa.

— Representatividade? Pessoas pretas? Interessante... — ela começou, cuidadosamente e atraindo o olhar de Tom e Mariana. — O que essas escolas estão fazendo com os jovens, não? Antigamente era tudo tão mais simples. Tinha mais respeito. Lutam tanto para que fique todo mundo misturado, mas não aceitam a nossa cultura. Querem que a cultura da minoria vença a da maioria... Se mantivesse cada um no seu canto cuidando da sua própria vida seria tudo bem mais simples. Dafne ergueu os olhos e bateu o punho na mesa, desafiadora.

— Talvez simples demais, né, Ana? Algumas pessoas nem podiam fazer parte dessas coisas que você chama de simples se não fossem as nossas lutas.

Tom e Mariana trocaram olhares rápidos. Eles já previam que o assunto poderia seguir um caminho espinhoso. Mariana tentava, de forma sutil, sinalizar para Dafne manter a calma, mas sua filha parecia determinada a fazer valer suas opiniões.

— Querida, talvez não seja o melhor momento para... — Tom começou, tentando intervir.

— Não, Wellington, está tudo bem. — Ana interrompeu, mantendo seu tom calmo, mas com um toque de firmeza. — Eu entendo que os jovens de hoje têm muitas causas e ideias fortes. Apenas acredito que certos valores estão se perdendo. Pedem por liberdade, mas o que estão gerando é uma ditadura em que nada pode, tudo é politicamente incorreto...

Dafne respirou fundo, claramente irritada.

— Então, dona Ana, são esses valores que muitas vezes excluem as pessoas, e talvez por isso a gente se sinta no direito de questioná-los. Só porque uma coisa sempre foi de um jeito não significa que esteja certa. Você é do século passado e nunca ouviu a expressão: “o seu direito acaba quando começa o do outro”? Qual é!

— Dafne! Respeito! — Mariana ficou irritada.

A sala ficou em um silêncio constrangedor, e Mariana pôde sentir o quanto os dois lados da mesa pareciam distantes, como se fossem mundos diferentes que se recusavam a se encontrar. Tom tentou aliviar a tensão, mudando de assunto para algo mais leve, mas as palavras pareciam flutuar sem propósito.

Quando o jantar chegou ao fim, o clima estava visivelmente pesado. Dafne mal esperou a sobremesa ser servida por Tom antes de se levantar, com uma desculpa apressada e um beijo rápido nos pais. Ana permaneceu em silêncio, observando a neta sair e lutando para esconder o olhar de desapontamento.

Quando a porta se fechou, Mariana se deixou cair na cadeira, exausta.

— Foi... complicado. — Ela murmurou, sentindo o peso de suas próprias expectativas desmoronarem.

Tom segurou sua mão, tentando reconfortá-la.

— Ainda não acabou, Mari. É um primeiro passo. Talvez não tenha sido perfeito, mas ainda temos o Natal. Às vezes, esses encontros precisam de tempo.

Mariana suspirou, concordando com um leve aceno. Ainda que o jantar tivesse sido um fracasso, ela não queria desistir. No fundo, sabia que, de alguma forma, precisariam encontrar uma maneira de unir a família, mesmo que para isso tivessem que enfrentar ainda mais silêncios, mais tensões e mais tentativas frustradas. Afinal, o que estava em jogo era muito mais do que uma noite de Natal ou uma virada de ano: era a possibilidade de um recomeço.

capítulo 3: *Uma pista inesperada*

A casa estava silenciosa após o jantar desastroso. Mariana e Tom estavam sentados na sala, tentando entender o que poderiam fazer para salvar o Natal que haviam planejado com tanto carinho.

Mariana olhava para a árvore de Natal com as luzes apagadas, sentindo que ela refletia o clima da noite. Dafne havia saído do jantar visivelmente irritada, e Ana, embora silenciosa, não conseguira esconder o desconforto. Mariana suspirou fundo, a mente girando em busca de uma solução.

— Eu pensei que um jantar seria um bom começo. — Mariana confessou, resignada.

— Mari, você fez o seu melhor. Todos nós fizemos. Mas talvez precisemos de algo mais... algo que faça a Dafne enxergar a avó de outra forma. — Tom disse, envolvendo a mão de Mariana entre as suas. — A verdade é que elas não vão se aproximar apenas porque estamos pedindo. Talvez precise haver uma razão maior. Algo que as conecte tão profundamente a ponto de as diferenças não serem mais as protagonistas. Elas precisam conhecer a outra face uma da outra.

Mariana assentiu, refletindo sobre o que poderia fazer. Foi então que, quase por impulso, se levantou e foi até um antigo baú que havia herdado da mãe ao se mudar com Tom e que estava entre as coisas que tiraram do quarto de bagunças e ainda não tinham avaliado.

Ao abri-lo, um aroma de madeira envelhecida trouxe memórias de quando Mariana era apenas uma criança inocente. Ali, em meio a fotos antigas, cartas e documentos, algo chamou sua atenção: uma carta cuidadosamente dobrada e amarelada pelo tempo.

Mariana a pegou e, ao abrir, reconheceu de imediato a caligrafia elegante de sua mãe.

Tom se aproximou, curioso.

— O que é isso?

— É uma carta da minha mãe... para o meu pai. — Mariana respondeu, sentindo o coração acelerar ao ler as primeiras palavras.

Com o máximo cuidado, ela e Tom começaram a ler a carta. As palavras de Ana eram carregadas de emoção, revelando o romance proibido que vivera com Filipe, seu marido e o pai de Mariana. A carta falava de como eles haviam enfrentado a oposição das famílias, os preconceitos da época e como, apesar de tudo, o amor deles resistiu.

— É isso! — Exclamou Tom, renovado de esperanças — Talvez este seja o caminho para estabelecermos um diálogo entre a Dafne e a Ana, mostrando a elas que as lutas que elas viveram não são tão diferentes.

— Espero que você tenha razão. E eu acho que eu sei como podemos fazer isso funcionar... — O brilho nos olhos de Mariana voltou e refletiu as luzes na árvore de Natal que ela acabara de acender.

capítulo 4: *plano secreto em ação*

A sala estava iluminada pela luz suave dos enfeites de Natal, representando o esforço de Tom e Mariana para criar um ambiente acolhedor para ambas as famílias. A noite prometia ser especial, embora uma tensão ainda pairasse no ar. Os familiares de Tom, inclusive seus pais, estavam presentes — que há anos não frequentavam eventos junto com Ana devido aos conflitos do passado. Seu irmão, Wilson, e sua irmã, Wilma, também estavam lá com seus cônjuges e filhos. Dafne, com um semblante fechado, mantinha-se distante enquanto observava todos interagirem. Não era segredo que o clima entre ela e Ana era, no mínimo, desconfortável. Para ela, estar ali parecia um sacrifício, mas não queria desapontar os pais que haviam se esforçado tanto para reunir a família.

Ana mantinha-se em praticamente absoluto silêncio. Ela e a família de sua filha mais nova, Lília, mal interagiram com os familiares de Tom, exceto por seu genro (marido de Lília), que gostava muito de falar sobre investimentos com o marido de Wilma. Após o jantar, que não foi tranquilo, nem muito diferente do jantar de qualquer outra família brasileira, Mariana trocou um olhar com Tom, e ambos sabiam que era o momento certo. Tom se retirou do ambiente e após alguns instantes, Mariana foi até o centro da sala. Com um sorriso gentil, ela chamou a atenção de todos.

— Antes de continuarmos com a ceia, gostaria de chamar ao centro, um velho conhecido nosso. Ouvi dizer que ele tem presentes muito especiais para essa noite! Os familiares se encararam com pouco ou nenhum entusiasmo. Sério que eles fariam a clássica cena do Papai Noel? Naquela altura do campeonato?

Tom correu para terminar de vestir a fantasia enquanto Mariana enrolava os convidados com algumas piadas e histórias antigas de família. Tom anunciou sua chegada com o toque de um sino. Os jovens riram julgando a cena ridícula e os mais velhos não prestaram a menor atenção. Tom desceu as escadas fazendo algumas piadas e então se sentou numa cadeira que Mariana posicionou no centro de todos. Ele colocou seu saco verde com presentes entre ele e Mariana e anunciou que hoje tinha recebido uma missão bastante especial de fazer a noite dessas pessoas mais feliz e harmoniosa. Os mais velhos ficaram ainda mais entediados com o discurso, enquanto os mais jovens achavam graça do esforço de Tom e Mariana em agradar.

— Tá bom, eu sei que ninguém quer me ouvir falar. Então vamos logo aos presentes. É isso o que vocês querem, não é? — Dafne e dois dos seus primos entraram na brincadeira e responderam que sim. Tom abriu o saco e fingiu escolher um dos presentes para começar — “Ah! Mas antes de distribuir os presentes, eu tenho uma entrega muito especial para fazer. É uma história que muitos de nós desconhecemos, mas que acredito ser importante para entendermos o que realmente nos trouxe até aqui esta noite.”

Todos ficaram surpresos. Tom tirou a carta de seu bolso e a entregou para Mariana. Ana, surpresa, olhou para a filha, sem saber o que esperar. Mariana respirou fundo,

segurando a carta nas mãos, e então começou a ler as palavras escritas por sua mãe décadas atrás, na carta destinada a seu pai.

Querido Filipe,

Enquanto escrevo estas palavras, sinto a passagem do tempo como um velho conhecido, um amigo que nos ensinou tantas lições, algumas mais duras do que outras. Nunca imaginei que estaríamos aqui, depois de tudo que vivemos, ainda com tanto amor no coração, mesmo que as sombras do passado tenham tentado nos afastar. Aqui estamos nós, não como vítimas do destino, mas como vitoriosos de um amor que sobreviveu a tudo.

Lembro-me dos dias em que precisávamos nos encontrar em segredo, quando o mundo parecia determinado a nos separar por razões que, hoje, me parecem tão insignificantes. Nossas famílias, nossas convicções, nossas vidas tão diferentes – tudo parecia uma muralha impossível de escalar. Mas aqui estamos, meu amor, tantos anos depois, e tudo o que construímos juntos me dá a certeza de que valeu a pena.

Você foi, desde o primeiro momento, meu porto seguro, mesmo quando eu tinha medo de admitir para mim mesma. E, embora o caminho tenha sido cheio de curvas e desvios, criamos algo belo de mãos dadas. Nossa família, que de início parecia um sonho impossível, hoje é o meu maior tesouro. Olho para nossos filhos e netos e vejo neles o reflexo de um amor que nunca deveria ter sido negado. Ao pensar no tempo que poderíamos ter tido, escolho focar no que temos agora – uma união forte, baseada em respeito, cumplicidade e, acima de tudo, amor verdadeiro.

Se eu pudesse voltar no tempo, faria diferente? Talvez. Talvez teria sido mais corajosa, talvez teria enfrentado o mundo com mais firmeza ao seu lado. Mas também sei que o caminho que trilhamos foi o que nos trouxe até aqui, mesmo com todas as dores e perdas. Chegamos onde deveríamos estar: temos nossa família, temos nosso legado, e o mais importante, temos um ao outro (ainda que o tempo esteja nos pedindo para começar a nos despedir).

O que quero que você saiba, meu querido, é que o amor nunca foi em vão. Cada momento compartilhado, cada sorriso, cada lágrima, cada dificuldade ou discussão superada – tudo isso foi construído sobre a força do nosso sentimento. E se posso te pedir algo, agora que o tempo se mostra implacável, é que lembre-se sempre de que o amor, aquele que compartilhamos em silêncio por tanto tempo, é a única coisa que realmente importa.

Não vamos deixar que a amargura pelo que perdemos manche o que ainda podemos viver. O tempo não foi nosso inimigo; ele nos deu a chance de aprender, de crescer, de fortalecer a convicção do nosso amor e de valorizar o que realmente importa. Temos uma família, temos um lar, e mais do que isso, temos um ao outro, mesmo nos momentos mais difíceis.

Quando o mundo tentar nos separar novamente, como fez tantas vezes, quero que se lembre que nada, nem mesmo o fim, pode apagar o que construímos juntos. Estarei aqui, do seu lado, até o último momento. E mesmo depois, você estará para sempre em meu coração.

*Com todo o meu amor,
Ana*

A sala ficou em silêncio absoluto enquanto a voz de Mariana preenchia o ambiente com as palavras apaixonadas e sinceras de Ana. Todos estavam visivelmente emocionados.

Dafne, a princípio, parecia hesitante em reagir. No entanto, ao ouvir a sinceridade nas palavras de sua avó, seu rosto suavizou. Era como se, pela primeira vez, ela visse um lado de Ana que jamais imaginou existir. Olhou para sua avó com um misto de curiosidade e surpresa, buscando entender as contradições que Ana carregava. Ana, por sua vez, parecia ter reencontrado uma versão de si mesma que o tempo a fez esquecer – uma versão implacável e desafiadora, como a sua neta. Tom, com a voz embargada, quebrou o silêncio:

— Todos aqui enfrentaram dificuldades e preconceitos de alguma forma. Isso não quer dizer que a nossa dor seja igual ou equivalente, mas acho que podemos parar de reproduzir esse ciclo de dor. O que vimos e sentimos ao longo dos anos foi doloroso, mas hoje, neste Natal, temos a chance de começar de novo. De superar esses conflitos e construir algo melhor, juntos.

Ana, que já se rendera às lágrimas, olhou ao redor e sentiu o peso de suas falas. Encarou os pais de Tom e avós de Dafne, que permaneceram quietos, mas atentos. Ela então se aproximou deles, com a voz hesitante.

— Sei que cometi erros terríveis, especialmente com vocês. — Ana dirigiu-se aos pais de Tom. — Me arrependo profundamente de como agi no passado. As feridas que causei com uma visão tão errada... são algo que levo comigo todos os dias. E não sei como reparar isso, mas quero escrever uma nova história com vocês e nossos sucessores. Não quero ser para os nossos netos o péssimo exemplo que a minha geração e as gerações antes dela me ensinaram a ser.

Os pais de Tom assentiram com as expressões suaves, embora carregassem a dor de tudo o que haviam sentido. Era a primeira vez que ouviam de Ana um pedido

de desculpas tão direto.

— Espero que um dia vocês possam me perdoar. — completou Ana.

Odair, o pai de Tom, respondeu com gentileza:

— Levará algum tempo. Mas... estamos dispostos a tentar. Afinal, somos todos uma família, e é isso que importa agora.

Enquanto o perdão começava a se desenhar entre Ana e os avós paternos de Dafne, Dafne permaneceu em silêncio, processando tudo o que havia presenciado. Finalmente, ela se levantou e, com passos lentos, aproximou-se de Ana. Havia uma batalha silenciosa acontecendo dentro dela, mas, ao olhar para a avó, sentiu uma conexão diferente, uma compreensão que não existia antes.

— Eu... eu não imaginava que você já tivesse enfrentado algo assim. Sempre achei que... que éramos de mundos completamente opostos, que tudo sempre foi tão simples e fácil pra você. — Dafne disse, a voz falhando. — Eu também carrego muita mágoa, vó. Mas acho que posso tentar... entender.

Ana, com lágrimas nos olhos, abriu os braços, hesitante. Dafne hesitou por um instante, mas finalmente a abraçou. O momento era carregado de uma emoção que todos na sala sentiam; era o início de uma reconciliação que ninguém acreditava ser possível.

Mariana e Tom observaram a cena com corações aliviados, sentindo que aquele momento valera cada esforço. As tensões finalmente estavam se dissipando, e a noite de Natal tornou-se a celebração de um amor capaz de atravessar gerações e desafiar as mágoas e preconceitos do passado.

Ao se soltarem do abraço, Dafne enxugou as lágrimas e sorriu para a avó, finalmente com uma expressão de paz. Naquela noite, a família se uniu ao redor da sala, agora com laços renovados e o compromisso de construir um futuro mais harmônico e cheio de compreensão.

Ana descreveu a dor e a felicidade de ter lutado por um amor que não foi aceito de imediato. Ela relatava o medo que sentiu ao desafiar tradições e preconceitos para poder estar ao lado do homem que amava – sendo ele um homem rico e ela uma mulher pobre e com atitudes consideradas vulgares ou feministas para a época.

Mariana podia sentir o quanto Ana fora corajosa e revolucionária, ainda que esses traços, de alguma forma, parecessem perdidos nos dias atuais. A família se divertiu com as armações de Ana e Filipe para viverem seu amor proibido. No final, prestaram um tributo ao falecido Filipe, cantando todos juntos a música favorita dele e a música que marcou o relacionamento dele com Ana.

Tom e Mariana se despediram do último convidado e se abraçaram, aliviados pelo sucesso do plano.

capítulo 5: *Um novo ano e um novo começo*

Os dias que se seguiram ao Natal foram um sopro de alívio para a família Dias. Entre risadas e conversas descontraídas, a casa de praia de Mariana e Tom esteve animada como há tempos não ficava. Ana e Dafne ainda tinham seus momentos de silêncio e reflexão, mas, sempre que se olhavam, o peso do passado parecia ceder lugar a uma nova conexão. Ana se mostrou mais flexível a aprender com Dafne sobre seus preconceitos e erros, enquanto Dafne aprendia com Ana sobre sua experiência de vida e todos os aspectos que moldaram uma opinião tão contrária à dela. Os avós paternos de Dafne, que também haviam se distanciado dos encontros familiares, estavam cada vez mais à vontade, e a conexão entre eles e Ana era um símbolo do perdão que todos ansiavam.

Chegado o Réveillon, o ambiente estava decorado de forma ainda mais alegre e festiva. Mariana, sempre preocupada com cada detalhe, enfeitou a sala com enfeites e balões metalizados que davam um toque de sofisticação à noite. Os primos, tios e amigos da família que terminavam de se arrumar iam se juntando à mesa bem servida na varanda com vista para o imenso céu estrelado. Histórias engraçadas e brindes improvisados arrancavam risadas de todos.

Dafne brincava com suas primas mais novas, que, encantadas com sua ousadia e estilo, a seguiam pelo salão, imitando seu jeito despojado. Entre risadas e pequenas provocações, ela acabou por ganhar o título de "rainha do ano novo" — uma brincadeira que todos abraçaram, coroando-a com uma tiara feita de fitas douradas.

Ana, de longe, observava a cena com um sorriso tímido e orgulhoso. Mariana, percebendo, aproximou-se da mãe e colocou a mão em seu ombro.

— Não é incrível ver isso tudo acontecer de novo? — disse ela, enquanto ambas assistiam a família reunida.

Ana assentiu, os olhos brilhando de emoção.

— Eu não poderia pedir nada mais... Depois de tanto tempo. É como se eu tivesse ganhado uma segunda chance de viver. E pensar que eu coloquei tudo a perder por me deixar levar por opiniões semelhantes às que, um dia, já me machucaram tanto...

Mariana ofereceu um sorriso e em seguida um abraço acolhedor à mãe, que se emocionou e a agradeceu.

Enquanto o relógio avançava, todos se preparavam para o momento do brinde de Reveillon. Mariana juntou todos e começou a fazer um pequeno discurso, agradecendo pela reconciliação e pelo amor que sustentava aquela família. E então, depois de um breve suspiro que transpareceu seu nervosismo, ela fez uma revelação surpresa:

— E para este ano que está por vir, temos mais um motivo para celebrar a família unida novamente... — ela sorriu e olhou para Tom com lágrimas nos olhos. Ele não sabia o que Mariana estava por dizer. — ...Estamos esperando alguém que a

deixará ainda maior!

A sala explodiu em aplausos e exclamações de alegria. Todos correram para abraçar o casal, com Ana especialmente emocionada ao saber que seria avó novamente. Os primos e tios se animaram ainda mais, comentando sobre como seria maravilhoso ter um bebê na família, um símbolo perfeito para aquele novo começo.

Ao final do brinde, com a contagem regressiva chegando a zero, toda a família se uniu para dar as boas-vindas ao novo ano. O som das taças se chocando e das risadas que ecoavam pela casa misturava-se ao brilho e ao estrondo dos fogos de artifício que estouravam no céu.

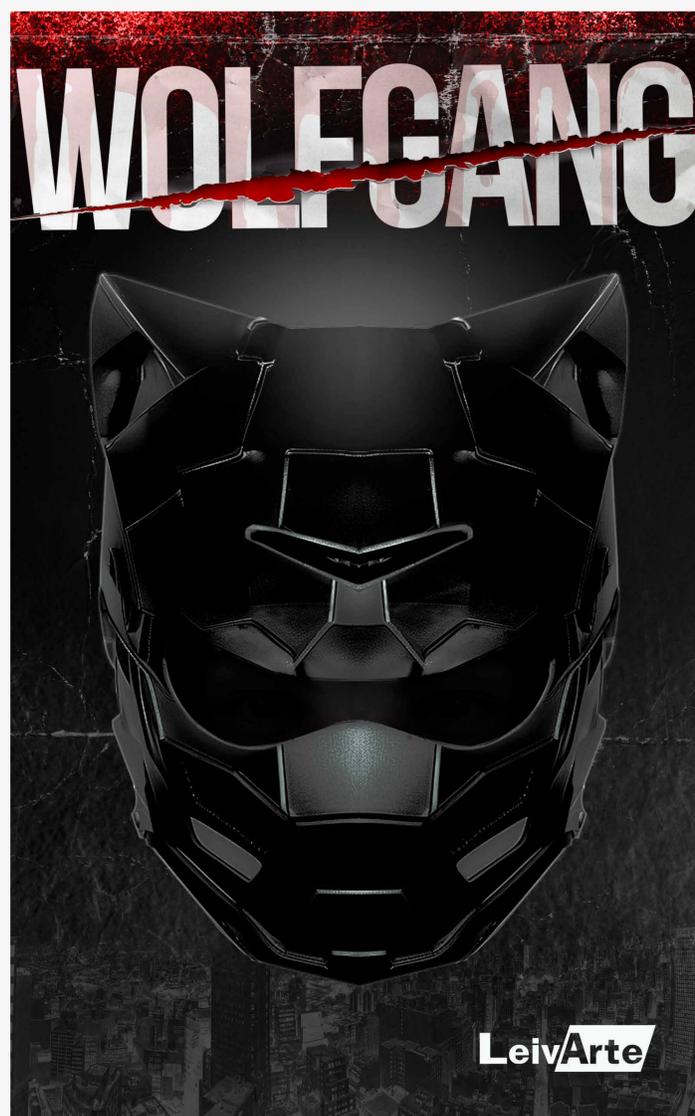
Mariana, Tom e Dafne estavam prontos para começar um novo ano, com corações abertos, leves e unidos por um laço familiar renovado.



OBRIGADO PELA LEITURA!

Esta foi a terceira edição de uma série especial de conteúdos comemorativos que celebram e aprofundam alguns personagens e narrativas do universo de super-heróis da LeivArte. Para saber mais e acompanhar as próximas edições e novos livros, siga @leivarte no Instagram.

Quer lembrar como foi a missão icônica de Tom e Mariana que permitiu com que a família se unisse novamente? Então você precisa ler (ou reler) o livro Esquadrão Drag. Ah! Você pode também gostar de Wolfgang, então clique nas capas abaixo para adquiri-los:



Obrigado mais uma vez. Espero que tenha gostado e nos vemos na próxima aventura!

Com amor,
Renato C. Leiva